

ENTREVISTA/MIGUEL DELIBES

# "A Espanha hoje é efetivamente cinza"

MD

NAYSE LÓPEZ

— Sua obra está carregada da realidade política da Espanha. Mesmo as conquistas democráticas não apagaram a dura vida sob "aquele homem". Qual a importância da política para a sua literatura?

— O que seria um elemento a mais na vida humana é especialmente importante na vida espanhola. Fui um dos surpreendidos, quando criança, pela Guerra Civil e assisti ao último ato dela. Isso produz num ser uma comoção que não se desfaz com o tempo. Naturalmente abracei com alegria a democracia e a liberdade de expressão, mesmo que eu sempre tenha dito de maneira indireta o que pensava, inclusive indo contra a censura do general.

— A dureza, o lixo social e os interiores mais sórdidos passaram por seus livros. Mesmo assim, sua obra se revelou de grande sucesso comercial, junto a um público habitualmente chegado a romances mais doces. Por quê?

— Realmente nunca se sabe a reação do público. Fico feliz em saber que meus livros são lidos por jovens e adultos. Sei que meus livros tratam de temas muito duros, mas acho que o público aprecia a profundidade humana que se esconde atrás de alguns livros e, muitas vezes, prefere algo comovente, mesmo que não tão amável.

**"A guerra produz num ser uma comoção que não se desfaz com o tempo"**

— Apesar dos escritores latino-americanos serem muito lidos no Brasil, os espanhóis contemporâneos ainda são pouco conhecidos. Como vê essa distinção?

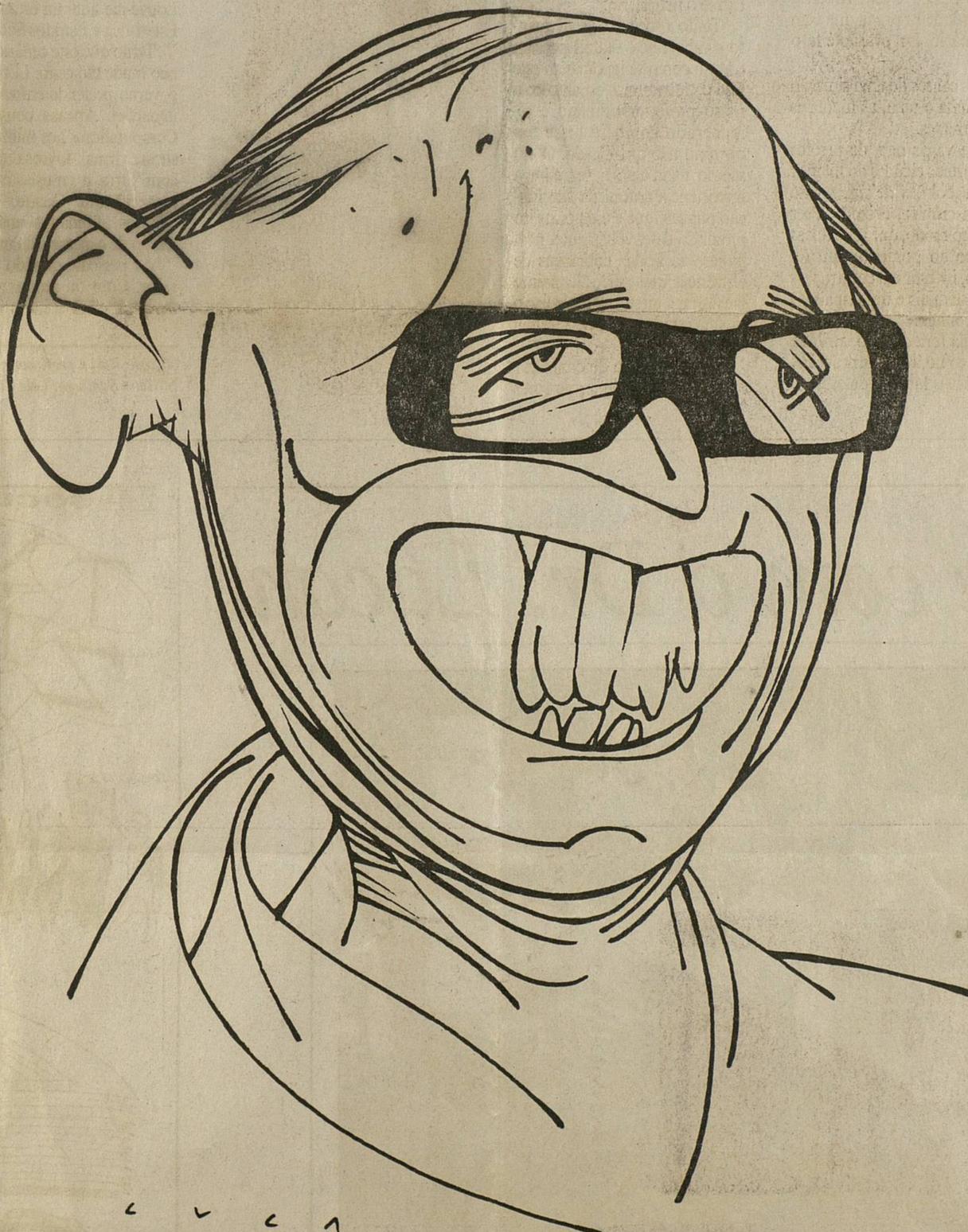
— Acho que isso se explica por razões fundamentalmente geográficas. Durante muitos anos na Europa circularam mais autores espanhóis que latino-americanos. A grande recepção que tiveram os escritores do boom de García Márquez ou Vargas Llosa fez com que a literatura latino-americana se espalhasse por toda a Europa com vendas muito altas e grande reconhecimento. Em geral, creio que a qualidade literária se impõe à geografia e à história. O importante é que progressivamente sejamos capazes de eliminar as barreiras culturais que nos separam. Espero que se melhorarmos os canais de comunicação os bons escritores espanhóis terão leitores no Brasil e os brasileiros na Espanha.

— *Dama de vermelho sobre fundo cinza* é aparentemente mais doce, mas na verdade mais amargo que os anteriores. Qual a parcela autobiográfica do livro?

■ Um dos escritores mais vendidos na Espanha, Miguel Delibes não é, nem de longe, uma leitura banal. Sempre com claras conotações políticas, seus livros misturam sofrimento, cores vivas e manhãs nos campos da região de Castilha. *Dama de vermelho sobre fundo cinza* é o novo livro do escritor, o primeiro traduzido no Brasil, que a editora Best Seller acaba de lançar. A partir da história de um pintor e sua mulher, que se descobre incuravelmente doente, Miguel Delibes faz um comovente desabafo sobre a perda e a política, a arte e o cotidiano, disfarçando a dor da morte de sua esposa Angeles, 26 anos mais jovem que ele, em 1974. Apesar da inegável

relação entre vida e livro, *Dama de vermelho sobre fundo cinza* não é uma autobiografia. Com sete filhos, dois a mais que o narrador de seu livro, Delibes é o autor de livros polêmicos na Espanha como *La sombra del ciprés es alargada* (1948), *Las Ratas* (1962), *Parábola do naufrago* (1969) e *El disputado del señor Cayo* (1978), entre outros.

Aos 75 anos, ele falou ao *Idéias*, por fax, de sua Valladolid natal, onde leciona na Universidade, sobre lixo social, intercâmbio cultural e a vida sob "aquele homem", que é a maneira como se refere ao general Francisco Franco.



— Na verdade tentei não transparecer que ele refletia um momento da minha vida que já aconteceu há 20 anos. Mesmo com pequenos disfarces, os críticos perceberam a sua realidade biográfica, lembrando um período em que fui extremamente feliz e logo a perda da minha mulher. Por isso o livro contém tanto a amargura quanto a doçura.

— Qual o sentimento de escrever sobre a morte de sua mulher? Incomoda que o público conheça seus sentimentos tão profundamente?

— Em todo livro há muito de autobiográfico. *Dama de vermelho sobre fundo cinza* tem mais do que o habitual, mas, nesse caso, o problema não é falar ou não de mim mesmo, mas de conseguir capturar o tom e a distância. Quando se consegue o tom e a distância para se dizer o se quer dizer, o escritor se sente cômodo, porque se esquece do que há de autobiográfico no que narra.

— Qual foi o peso da ditadura para a literatura espanhola?

— A ditadura foi nociva para a literatura. O jogo do escritor consistia em dizer o que ele queria dizer sem que a censura admitisse sua intervenção. De qualquer maneira, a censura foi mais dura com o jornalismo que com os romances e com estes mais que com a poesia.

— A situação política espanhola é um caos no momento. O senhor pensa em escrever sobre esta derrocada dos ideais da social democracia, num romance histórico, por exemplo?

— A situação espanhola é ruim. Muitos anos de corrupção levaram o país ao desânimo. Desgraçadamente, eu me sinto velho demais para romancear estes anos.

— O que o senhor conhece de literatura brasileira?

— Machado de Assis, Jorge Amado e Rubem Fonseca são grandes escritores.

— Na perda da dama de vermelho se poderia ver a perda dos ideais daquele menino surpreendido pela Guerra Civil e que foi mantido sob o general num fundo cinza? Que cor tem o fundo espanhol hoje?

— O fundo da Espanha hoje é efetivamente cinza, mas foi ainda mais cinza no pós-Guerra Civil, porque naquela época não era possível denunciar os abusos do poder. Com a morte da dama de vermelho morreram em mim muitas ilusões.

**"A situação espanhola é ruim. Anos de corrupção levaram o país ao desânimo"**

CORPUS / AGENCIA CIPIA

FUNDACION MIGUEL DELIBES

# Pintura cruel de uma família

■ **Dama de vermelho sobre fundo cinza**, de Miguel Delibes. Tradução de Olga Cafalczhio. Best Seller, 96 páginas, R\$ 11,40

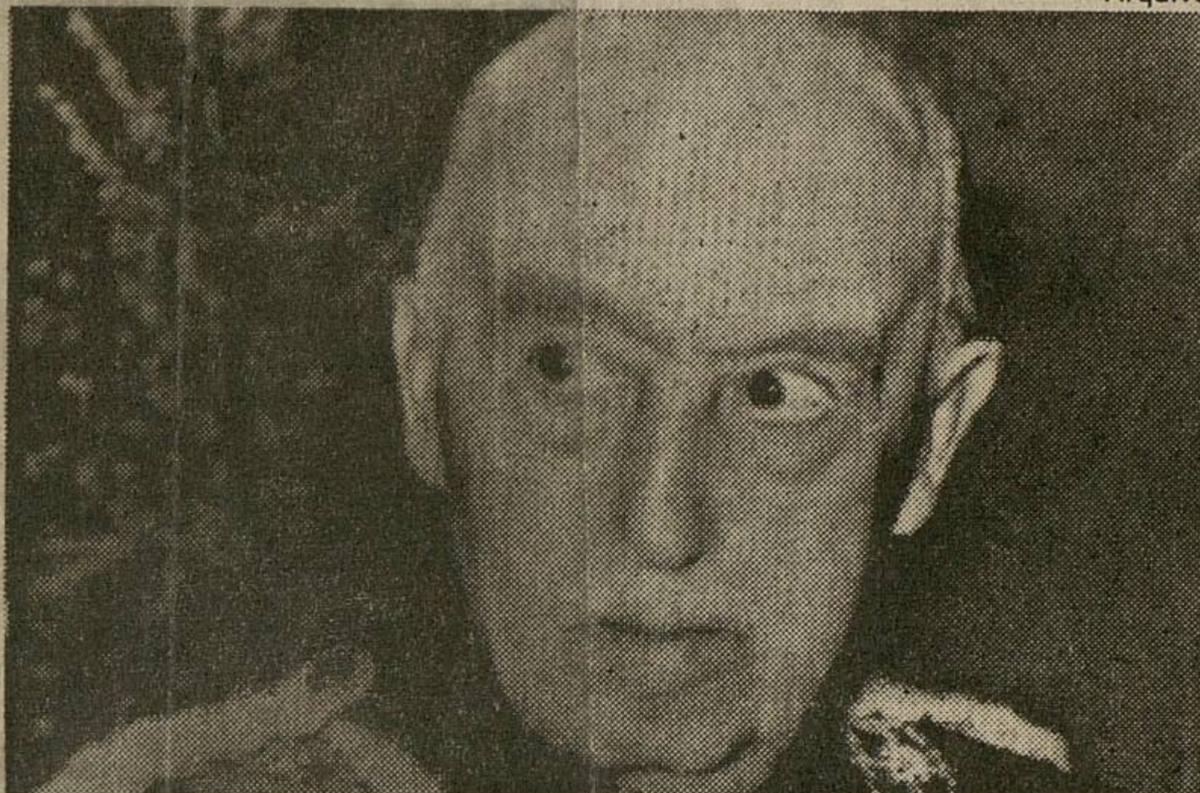
NAYSE LÓPEZ

**R**ilke, falando de Rodin, definia a escultura do mestre como capaz de capturar a luz para si, metabolizando-a e refletindo mais que um espectro, um conjunto de emoções. Adorada, perfeita e bela como as mulheres de Rodin é como o espanhol Miguel Delibes esculpe a protagonista de *Dama de vermelho sobre fundo cinza*. O narrador é o marido, pintor famoso, cuja vida ele mesmo só descobre nos meses que antecedem a morte da amada. É quando ele descobre que ela, em seu silêncio e dedicação, é a verdadeira razão de sua vida. Um mote banal, digno de Danielle Steel, mas, que, nas mãos de um dos mais contundentes escritores espanhóis contemporâneos, se torna um relato colorido, de imagens precisas, cruéis e doces, de uma família de artistas sob a ditadura militar de Franco. Filhos presos e torturados, a misteriosa doença da mulher e a incapacidade de pintar se misturam

Nayse López é repórter do Caderno B

## Espanhol mostra a contundência da vida e morte sob regime ditatorial

Arquivo



O general Franco é personagem onipresente na ficção de Delibes

numa narrativa que respira muito de Camilo José Cela e do *nouveau roman* francês. Uma longa agonia, pintada mais que escrita, mas com pinceladas largas e precisas.

O leitor descobre a história quando o pai a conta à filha recém-chegada, numa conversa na ensolarada cozinha da casa. Personagem presente e ausente ao mesmo tempo, presa que estava com o marido nos cárceres do general, ela redescobre a mãe forte, lutadora, lógica e vaidosa, víti-

ma de doença incurável ainda jovem. Juntos, filha e leitor, no entanto, descobrem mais que uma família. Descubrem um amor como os antigos, de amizade e cumplicidade, de entrega e paixão, de silêncios e individualidades respeitadas.

A mesma mulher que vive para as vernissages do marido, que calcula cada detalhe do atelier e da carreira, é normalmente vista como um secretária de luxo, mas vai se convertendo na própria pintura

de seu homem, pintado por ela, sem saber. Nessa mistura, onde os dois estão tão unidos, no entanto, fica clara a distância que os mantém misteriosos e etéreos. A rotina massacrante e a doença têm seus efeitos. O pintor de Delibes sabe que morre junto com ela, com sua beleza esperta e ocupada em decorar a casa. Na aparente futilidade da mulher que encanta a todos na fila das visitas quando vai ver a filha presa e pede a generais a libertação do genro, ele encontra um pedaço da história da Espanha ditatorial sob "aquele homem", do conflito de uma esquerda intelectual dividida entre a grande tragédia social e suas pequenas misérias familiares.

Alternando a luz clara das manhãs no atelier pela fluorescente azulada dos quartos de hospital, Delibes escreve um livro curto e doloroso sobre o amor, a existência conjunta e, como não poderia deixar de ser na Espanha, sobre o sofrimento e a política. Uma história simples, contada com a mal disfarçada emoção contida na biografia do autor, cuja esposa morreu há 20 anos. (Nayse López)



FUNDACIÓN MIGUEL DELIBES